



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**MULHERES EM CAMPO: OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA DO PAÍS DO FUTEBOL
E AS DIFICULDADES DE SE ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO
NO BRASIL EM 2019**

Gabryele de Oliveira Martins

Recife- PE

2019

GABRYELE DE OLIVEIRA MARTINS

**MULHERES EM CAMPO: OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA DO PAÍS DO FUTEBOL
E AS DIFICULDADES DE SE ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO
NO BRASIL EM 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, como requisito
para obtenção do título de licenciada em
História.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcília Gama da Silva

Recife - PE

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- G119m Martins, Gabryele de Oliveira
 Mulheres em campo: os silêncios da História do país do futebol e as dificuldades de se escrever a História do Futebol Feminino no Brasil em 2019 / Gabryele de Oliveira Martins. - 2019.
 28 f. : il.
- Orientador: Marcilia Gama da Silva.
 Inclui referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Licenciatura em História, Recife, 2019.
1. futebol. 2. mulher. 3. proibição. 4. historiografia. I. Silva, Marcilia Gama da, orient. II. Título

CDD 909

GABRYELE DE OLIVEIRA MARTINS

**MULHERES EM CAMPO: OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA DO PAÍS DO FUTEBOL
E AS DIFICULDADES DE SE ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO
NO BRASIL EM 2019**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de História da Universidade
Federal Rural de Pernambuco, como requisito
para obtenção do título de licenciada em
História

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcília Gama da Silva

Recife _____ de dezembro de 2019

Banca examinadora

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Marcília Gama da Silva

DeHist – UFRPE

Prof^ª. M^a. Elcia de Torres Bandeira

DeHist – UFRPE (Examinador interno)

Prof^º. Ms. Tulio Augusto Velho Barreto de Araújo

MPCS – FUNDAJ (Examinador externo)

AGRADECIMENTOS

Sempre admirei a forma apaixonada de torcer do meu irmão. Lembro de uma final de campeonato pernambucano em meados dos anos 2000 onde ele muito feliz com a vitória do Sport comemorou em cima do muro da nossa casa gritando e cantando alto. Eu já via os jogos pela tv e achava lindo, sentia que algo aquecia meu coração toda vez que ouvia um “Pelo Sport nada... Tudo!”, mas na época tanto não era incentivada a torcer, quanto seguia uma religião que me proibia de fazer isso. Durante anos eu me reprimi, torci em silêncio para não ser recriminada, guardei em segredo o meu amor, até que em 2008 o Sport conquistou a Copa do Brasil depois de uma campanha desacreditada. Foi a primeira vez que chorei por futebol e decidi que não mais ia esconder meu sentimento.

Meu primeiro jogo no estádio foi em 2016. Era um domingo dia das mães, final de campeonato pernambucano e minha mãe ficou preocupada por uma mulher ir a um clássico das multidões praticamente sozinha. O sol da arquibancada frontal não me incomodou, o medo não me incomodou, nem mesmo o título perdido me incomodou. Eu estava em casa, tomada pela sensação inebriante de pertencimento e isso nada nem ninguém tiraria de mim.

Em outubro de 2017, enquanto cursava a disciplina de TCC I, a fotografia (meu atual trabalho) me levou à cidade de São Paulo e eu pude conhecer o Museu do Futebol. Lá constatei o que já sabia: havia uma enorme diferença quantitativa no acervo sobre futebol feminino, a exposição tocou demais meu coração. Voltei pra Recife encantada com a temática e com a certeza que faria meu TCC sobre mulheres e futebol.

Mas minha paixão não me preparou para escrever sobre o futebol feminino no Brasil. Durante a construção desse trabalho eu precisei garimpar no meio do nada e tive que lutar contra mim e meus problemas emocionais quando estes me faziam não produzir da forma como queria. Acho que todo TCC deve ser um pouco angustiante, independente do quanto você domine ou goste da temática escolhida, não é? Para mim foi. Mas aqui estamos, finalmente venci essa etapa.

Agradeço primeiramente a Deus por me permitir viver e lutar cada dia mesmo quando eu não tinha vontade alguma de viver. À minha mãe e a meu vô Ari pelo apoio incessante e pelo amor incondicional, vocês são o que há de melhor dentro de mim. Agradeço também a meu pai pelo suporte e investimento na minha educação e por me criar para ser independente e forte, mesmo que às vezes eu falhe nisso, estou aprendendo.

Preciso também agradecer a Guilherme de Aquino que no dia divino de 13 de maio de 1905 reuniu no Recife ardentes seguidores e fundou uma nação de vencedores. Sem ele não haveria o Sport Club do Recife e sem o Sport Club do Recife eu sinceramente não sei como seria minha vida, possivelmente eu sentiria menos raiva mas seria consideravelmente menos feliz.

Não posso esquecer dos professores que me apoiaram na construção do saber: tia Rafaela, a quem dediquei o primeiro romance que escrevi, tia Cleia que me ensinou a ler e escrever, o professor Flávio Pernambuco que ministrava as aulas de História no Colégio da Polícia, ao professor Fred de matemática, que acreditou em mim mesmo com minhas dificuldades. E aos professores da graduação: professor Gustavo Acioli que viu em mim algo que eu mesma não via e me possibilitou a vivência única do PIBIC, a professora Elcia Bandeira que ministrou as aulas de TCC I, República I e História das mulheres no Brasil (a cadeira que mais gostei de cursar), a professora Rozélia Bezerra por tocar inúmeras vezes minha alma e meu coração e por me apresentar o livro Fahrenheit 451 e a professora Marcília Gama, minha querida orientadora que topou esse desafio, me abriu diversas oportunidades para a construção deste TCC e me apresentou o professor Tulio Velho Barreto, este me deu acesso à FUNDAJ e ao setor de microfilmagem. Gratidão por tudo.

Por último, mas não menos importante, agradecer aos que contribuíram direta e indiretamente na elaboração deste artigo. Shayene minha prima e mais antiga amizade que sempre me incentivou quando eu pensei em desistir; minha amiga Izabelly que sempre esteve comigo independente das circunstâncias e me faz crer todos os dias que meu coração é bom e vale a pena continuar assim; minha amiga Marjourie por todos os anos de lealdade e companheirismo, por me realizar o sonho de escrever em sua companhia um artigo publicado no Ebook Elas e o Futebol e por me mostrar ser possível amar futebol tanto quanto, ou mais até, que um menino (amo você, apesar do seu time); minha amiga Larissa que me possibilitou amar à distância e ressignificou o conceito de estar perto; minha amiga Priscila que me ajudou na revisão ortográfica e me fez ver que eu posso tocar as pessoas com minhas palavras; minha amiga Adnah que me socorreu em tantos momentos de desespero e me acalmou quando eu mais precisei; “minha amiga” Aline que me inspira diariamente com sua força e determinação; minha amiga Tayene que me faz acreditar em mim; meu amigo Lucas que se mostra todo dia um irmão com quem eu posso contar em todos os momentos; meu amigo

Luciano que me ajudou num dos momentos mais difíceis da minha vida e meu amigo Bi que conheceu o melhor e o pior de mim e mesmo assim permaneceu a meu lado. Aos amigos que o Sport me proporcionou: o pessoal do Club do RT¹, as meninas do grupo do Cartola², e da Pelada Feminina do Twitter³. Por fim agradeço a quem me incentivou a praticar os esportes que me deram forças pra permanecer na faculdade: meu treinador de handebol Vitão que sempre tem uma palavra positiva e meu time de futsal feminino Ubuntu⁴, com menção honrosa para Elton (Rabeta) por ser tão incrível e visionário para com o futsal feminino, vocês me fizeram entender o que é chorar com os que choram e se alegrar com os que se alegram, que eu seja sempre porque nós somos primeiro.

Escrever este trabalho resume toda minha trajetória acadêmica quando entrei na Rural em 2014 até 2019 quando finalizo meu tempo de graduação. Por trás de cada linha há um pouco de mim, das minhas frustrações, das lágrimas, das noites em claro, dos sorrisos e das conquistas e de todo aprendizado. Concluir esse artigo me faz refletir o quanto eu sou capaz e como a ansiedade e a depressão não podem limitar. Sou grata por sempre haver alguém me incentivando a continuar todas as vezes que eu pensei em desistir.

Me encontro diariamente nesse TCC. quando sou menosprezada pelo meu gênero, quando acham que eu preciso ser duas vezes melhor pra ter valor, quando contrariando às estáticas tenho duas publicações em meu nome (esperando que essa seja a terceira) e recebo um diploma mesmo sendo mulher, negra e pobre. Eu resisto! Finalizo parafraseando as palavras de Lucas Silva (2018), então jogador das categorias de base do Flamengo: “Chegar onde eu cheguei não foi fácil mas ainda não cheguei a lugar nenhum”.

¹Grupo do Whatsapp com torcedores do Sport Club do Recife usuários do Twitter

²Grupo do Whatsapp da liga feminina do game fantasy Cartola FC

³Pelada realizada em 2018 entre mulheres torcedoras dos três grandes times do Recife: Náutico, Santa Cruz e Sport que gerou um relato de experiência publicado no E-book Elas e o futebol

⁴Time de futsal do departamento de Educação Física da Universidade Federal Rural de Pernambuco, que montou seu núcleo feminino em 2019

A meu sobrinho Arthur, que me disse que o TCC era a minha batalha final contra a faculdade. Bom... Acho que ele tem razão.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo a conclusão da disciplina TCC II da matriz curricular obrigatória do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Federal Rural de Pernambuco e é fruto das angústias geradas pela vivência da relação mulher - futebol nos dias atuais e da vontade de escrever sobre a História do tempo presente. A escolha da temática se deu pela familiaridade com o esporte e por experiências pessoais intra e extra campo que evidenciam que não são todos iguais no país do futebol, já que meninos e meninas não têm as mesmas oportunidades de praticar o futebol e até mesmo frequentar estádios, o que revela que o futebol não é tão democrático assim quando se trata de mulheres jogadoras e de campeonatos femininos.

Ele narra a história do futebol, desde sua origem e normatização na Inglaterra até sua universalização e conta como o Brasil recebeu, naturalizou democratizou e massificou o esporte tomando-o por paixão nacional e o incluindo na construção da identidade nacional, ao mesmo tempo em que a política e mídia o exploravam ao máximo.

Paralelamente são abordados os conceitos foucaultianos sobre as relações de poder em Vigiar e Punir (1987) e os discursos médicos, políticos e jurídicos vigentes no Brasil do início do século XX. Explicando como houve todo um aparato medicinal e legal que rebaixava as mulheres aprisionando-as a um modelo de conduta padrão, do qual não se poderia fugir, que as limitava o acesso à diversas práticas esportivas não naturais e como tais limitações implicam diretamente no atual cenário de futebol feminino do Brasil.

Ademais, explora-se os processos de resistência das mulheres que montaram clubes mesmo durante os anos de proibição, o que denota que apesar de bastante reprimido o futebol feminino não foi extinto entre 1941 e 1979.

O modelo de Trabalho de Conclusão de Curso escolhido foi o artigo científico devido a fácil circulação que revista pode oferecer. A revista escolhida para submeter o artigo foi a Revista de História da Unicap, pela aceitação de trabalhos de graduandos em história.

Dessa forma entende-se que o trabalho é relevante para a construção da historiografia da História do Futebol feminino no Brasil em 2019 porque não se limita às proibições legais à prática do desporto mas atenta para as lacunas que as mesmas deixaram no intuito de fechá-las.

**MULHERES EM CAMPO: OS SILÊNCIOS DA HISTÓRIA DO PAÍS DO FUTEBOL
E AS DIFICULDADES DE SE ESCREVER A HISTÓRIA DO FUTEBOL FEMININO
NO BRASIL EM 2019**

RESUMO

Este trabalho faz uma análise da História e da prática do futebol feminino no Brasil a partir das presenças e ausências históricas que permeiam a relação mulher - futebol, que dificultam a escrita sobre o esporte (que hoje é tido como paixão nacional, mas já foi vetado às minorias sociais). E narra como tais proibições de ordem jurídica, política e social contribuíram para o desnível que hoje separa os universos femininos e masculinos do futebol nacional e criando estigmas que perduram até hoje incentivando discursos sexistas sobre o papel e o local da mulher cotidianamente.

Palavras chave: futebol, mulher, proibição, historiografia.

**WOMEN IN FIELD: THE SILENCES OF SOCCER COUNTRY HISTORY AND THE
DIFFICULTIES OF WRITING THE HISTORY OF WOMEN'S SOCCER IN 2019**

ABSTRACT

This paper analyzes the history and practice of women's soccer in Brazil from the historical presences and absences that permeate the woman - soccer relationship, which make it difficult to write about the sport (which today is considered a national passion, but has already been vetoed). to social minorities). And it tells how such legal, political, and social bans have contributed to the gap that today separates women's and men's universes from national football and creating stigmas that continue to this day by encouraging sexist discourses about the role and place of women on a daily basis.

Keywords: soccer, woman, prohibition, historiography

Introdução

É fato que o Brasil tão logo recebeu o futebol, o naturalizou e, posteriormente, o difundiu pelo país, abrindo às camadas populares da sociedade o tornando em pouco tempo o esporte mais adorado no território nacional, sendo utilizado como propaganda eleitoral por presidentes populistas e militares. Tão grande a força que o esporte exercia, e ainda exerce, nas pessoas. Desde cedo, meninos são incentivados pelos pais ao fanatismo pelo time do coração, escolinhas de futebol são bastante procuradas e se questionados quanto à futura profissão, muitos dos pequenos responderão que desejam ser jogadores de futebol. Desse modo, entendemos que o esporte faz parte do cotidiano de grande parte da população e isso justifica o apelo midiático que enche jornais, revistas, televisão e internet, com notícias sobre campeonatos, situação financeira dos times e mercado da bola.

O esporte chega como uma novidade estrangeira, inspirada na modernidade europeia, porém, acaba tomando as ruas num movimento constante de democratização que se iniciou no século XX e segue em construção. Mas, passados 125 anos da chegada do futebol ao Brasil, ainda há abismos que o esporte não conseguiu superar. A equidade de gêneros passa longe do ideal quando se trata do acesso feminino ao mundo da bola, as nossas meninas não são doutrinadas e incentivadas a jogarem como são os meninos e a modalidade feminina sente a falta de espectadores e patrocinadores. O futebol feminino sofre muito preconceito e desinformação.

23 anos separam a primeira partida oficial internacional de futebol, que aconteceu na Inglaterra, em 1898, da primeira partida oficial ocorrida no Brasil em 1921 (Martins; Oliveira, 2019). Essas duas décadas de atraso refletem o discurso de Foucault (1987) sobre o poder disciplinar como força de repressão e o princípio da civilização estar associado ao domínio dos corpos presente na sociedade brasileira do início do século XX, que via no homem a virilidade responsável por exercer o domínio sobre a mulher para que esta desempenhasse o papel dócil que se esperava.

Este artigo, através da análise dos discursos vigentes e dos casos de resistência, explicará os motivos por trás desse desnível entre os universos feminino e masculino do futebol e como a medicina, a política, a justiça e os reflexos dessas esferas na sociedade

brasileira, contribuíram com impedimentos para que as mulheres não praticassem o futebol, gerando um atraso de anos em relação ao futebol masculino que acarretaram no atual abismo que separa os dois universos da bola.

Difusão do futebol: nascido na Inglaterra, cidadão do mundo.

O futebol como conhecemos surgiu na Inglaterra, nas décadas finais do século XIX, sendo normatizado nas escolas públicas britânicas entre os anos de 1845 e 1862 (ELIAS; DUNNING, 1992), tendo o primeiro clube criado em 1857 e, sofrendo um processo de profissionalização em 1885. O futebol feminino, que também de origem europeia, teve por primeiro clube feminino o *British Ladies Football Club* e o primeiro jogo internacional ocorreu em Londres, no ano de 1898, entre Inglaterra e Escócia.

Conforme ocorria a profissionalização, o futebol foi se estabelecendo dentro da Europa, as regras foram consolidadas, bem como a forma de se vestir para jogar foi normatizada. Segundo Escher e Reis (2005), no final do século XIX já ocorriam na Inglaterra partidas onde os clubes cobravam ingressos aos seus espectadores. A princípio, o domínio do futebol é inglês, e as primeiras edições do que viriam a ser a Copa do Mundo ocorrem apenas com times britânicos. No ano de 1904 os franceses começam a defender a universalização do futebol e a FIFA é criada. A partir dessa universalização, o futebol se dissemina pelo mundo ganhando características diferentes, quanto a forma de jogar e de torcer, em cada país que alcança.

O futebol no Brasil e surgimento do futebol brasileiro

O futebol vai unir os símbolos do Estado Nacional (as cores da bandeira e o hino nacional) dando à população uma identificação com esses elementos que outrora pertenciam às elites e aos militares (DAMATTA, 1994, p. 17). A relação nacional com os esportes se torna apaixonante no século XX, quando o Brasil envia, mediante doações de dinheiro da população, delegações para os Jogos Olímpicos de 1924, que ocorreram em Paris (GOELLNER, 1998, p. 50). Isso se deve também ao fato dos esportes estarem associados à modernidade e à civilização. O anseio pelo progresso tinha inspiração

estrangeira e tomou conta do país não apenas no âmbito esportivo, mas é possível acompanhar diversas mudanças estruturais na primeira metade do século que pretendiam transformar os grandes centros urbanos em metrópoles, como ocorreu nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, e modificaram a paisagem de forma eugenista⁵ e higienista⁶, dando início aos processos de favelização.

No final do século XIX, mais precisamente em 1894, o brasileiro filho de pais ingleses, Charles Miller⁷, regressa ao Brasil após sua viagem de estudos à Inglaterra (o que era bastante comum para os jovens elitizados), trazendo em suas bagagens duas bolas de futebol, um livro de regras e alguns uniformes (ESCHER e REIS, 2005) que viriam a se tornar símbolos do esporte que tomaria conta do país e alcançaria o patamar de paixão nacional, contribuindo, inclusive, para consolidar a identidade pátria, tanto no Brasil, quanto no exterior.

O futebol sempre esteve atrelado às pautas sociais e refletia a estrutura da sociedade brasileira da época. Por esse motivo, durante seus primeiros anos, que coincidiram com o período republicano pós-abolicionista, o esporte esteve associado às elites e a presença negra era vetada, bem como a feminina (MARTINS; OLIVEIRA, 2019). Não se jogava pelo talento, mas pelas condições financeiras. Após alguns anos, ocorreu uma abertura para as camadas populares, a partir do momento em que as elites assumiram as direções dos clubes de futebol e começaram a administrá-lo e não mais a jogá-lo. Gilberto Freyre em seu artigo *Foot-ball Mulato*, publicado pelo *Diário de Pernambuco* (1938), vai analisar a boa campanha do Brasil na Europa baseado no critério racial do futebol mestiço que herdava do negro a “manha”, a astúcia e a ligeireza oriundas da dança e da capoeira que faziam com que os estrangeiros admirasse os bailarinos brasileiros, o talento seria fruto da miscigenação. O futebol ganha então, nacionalidade brasileira⁸, com um “jeitinho brasileiro” de jogar.

⁵ Teoria que defende o aprimoramento da espécie humana por meio de uma seleção tendo como base as leis genéticas. Do grego: bem nascido. Crença de superiorização e inferiorização de raças.

⁶ Higienismo: políticas sanitárias que visavam o cuidado humano e do espaço físico, empregado no Brasil nas últimas décadas do século XIX

⁷ Nascido em 24 de novembro de 1874 foi o esportista responsável por trazer alguns esportes ao Brasil como é o caso do futebol e do polo aquático

⁸ Embora o futebol tenha um caráter brasileiro, nas primeiras décadas do século XX se encontrava no caderno de esportes dos jornais muitos termos na língua inglesa, como “club”, “score”, “scout”, “scratch” e “team” e alguns times tinham seus nomes também em inglês, a exemplo do Sport Club do Recife, fundado em 1905.

Mulher e futebol: uma relação possível? O corpo feminino em debate.

Muito embora, o esporte tenha se aberto às minorias, ganhando caráter nacional, era difícil para as mulheres estarem associadas ao futebol, pois nas primeiras décadas do século XX, era o consenso popular e a exigência da feminilidade delicada que tornava a mulher boa filha, boa esposa e boa mãe e, já que o esporte era considerado muito violento para a conformação corporal feminina, mulheres praticantes de futebol fugiriam do ideal de mulher que se ansiava (GOELLNER, 2005 p. 144).

Não obstante, são as mulheres que acabam consagrando o ato de torcer. Segundo Cappellano (1999, p. 28 – 29, in ECOTEN, 2010, p. 4), às mulheres de bem, não cabia se descabelar ou gritar. Assim sendo:

[...] Elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes.

No entanto, essa representação de mulher frágil que singularizava as mulheres de bem, que cumpriam seu papel social, não é originária do século XX, nem tampouco do século XIX e não surgiu do nada. A Medicina, que durante muito tempo esteve associada à Igreja Católica, proferiu discursos sobre o corpo, feminino e sua função (única) na reprodução:

Tais discursos revelam que a ciência médica também tendia a inferiorizar a mulher, tanto quanto a Igreja. Os médicos também pregavam, como justificativa dessa inferioridade natural, a própria constituição orgânica feminina. Médicos e teólogos se complementavam no esforço de formular uma argumentação que justificasse o status inferior feminino (LUZ, 1996, p. 24)

O corpo feminino representava um mistério geral, a ciência pouco entendia dele e de suas funções. No âmbito religioso, era constantemente associado ao pecado original e visto como fraco inferior e imperfeito. E mesmo que particular e restrito ao casamento, o corpo feminino sofreu repressões de um discurso público, taxativo e inferiorizante.

Ao longo da História do Brasil, vários artifícios jurídicos representavam a mulher como incapaz. É o caso do Código Civil de 1916 (lei n 3.071 de 1º de janeiro de 1916) que entre suas muitas delegações afirmava: “Art. 242. A mulher não pode, sem autorização do

marido (art. 251): VII - Exercer a profissão (art. 233, IV)” (Código Civil do Brasil, 1916. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L3071.htm). Este Código Civil tornava as mulheres casadas relativamente capazes e as deixavam sob tutela dos maridos, estes respondiam judicialmente por suas esposas e tinham influência direta em suas vidas permitindo-as fazer ou não fazer uma determinada coisa, claro que os exercícios físicos estavam inclusos.

Enquanto as ideias iluministas e renascentistas fazem as sociedades europeias evoluírem os conceitos de igualdade, no Brasil a concepção, com base legal, de sexo imbecil (MENEZES, 2010, p. 173) surgida durante os anos da Colônia vai permanecer até o século XX, e só tem fim após muitas lutas de movimentos encabeçados por mulheres na primeira e segunda ondas do feminismo que garantiram direitos como o voto, o trabalho e o divórcio⁹.

Sendo o Brasil um país de origem católica, a família era a base da sociedade e os papéis de cada membro eram simples e diretos: ao homem cabia a proteção e a manutenção do lar e à mulher era delegada a educação dos filhos e os cuidados com a casa, sendo-lhes negados os direitos aos prazeres sexuais (GIDDENS, 1992). O discurso foucaultiano afirma que o princípio natural e racional do casamento o destina a ligar duas existências, a produzir uma descendência, a ser útil para a cidade e a beneficiar o gênero humano na sua totalidade (FOUCAULT, 1984, p.178), nesse contexto, beneficiar a sociedade implicava que a mulher cumpriria docilmente seu papel de esposa e mãe não cabendo desvios do propósito bíblico e social que lhe era imposto.

Ainda sobre o modo feminino de se portar, Michelle Perrot (2003, p.15) afirma que as jovens em idade de se casar deveriam ser comedidas nos gestos, olhares e expressões e não deveriam erguer a voz, ou rir, apenas poderiam esboçar um sorriso. Mas a estas cabiam mostrar coisas proibidas à virilidade, como o sentimento e a dor, que seriam próprios do seu sexo.

⁹ Aprovado na Emenda Constitucional nº 9, lei 6515 de 26 de 1977 disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1970-1979/lei-6515-26-dezembro-1977-366540-normaatualizada-pl.html>> acessado em: 13 nov. 2019

Por esses motivos, as atividades esportivas eram designadas de acordo com esses papéis sociais. Goellner (1998, p. 51), em seu artigo sobre as atividades corporais esportivas e a visibilidade da mulher na sociedade brasileira no início do século XX, nos mostra que esportes que demandavam força, entre outros atributos “propriamente masculinos” eram de exclusividade dos homens e isso só vai mudar com muita luta e resistência. Ainda no século XIX, as mulheres são influenciadas às práticas desportivas, mas o caráter conservador da sociedade limita bastante essa participação (GOELLNER, 1998, p.51).

Com a constante modernização oriunda do capitalismo, o consumo passa a ser incentivado e um novo modelo de mulher moderna vai se formando. A busca por um corpo esteticamente belo e saudável se dá em meio a um preconceito por parte da sociedade.

Sobre essa mudança, Goellner cita Margareth Rago:

Frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e etiqueta, inicialmente às moças das famílias mais abastadas e paulatinamente às das classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesa da laboriosidade, da castidade, do esforço individual. Por caminhos sofisticados e sinuosos se forja uma representação simbólica da mulher, a esposa-mãe-dona-de-casa, afetiva, mas assexuada, num momento mesmo em que as novas exigências da crescente urbanização e do desenvolvimento comercial e industrial ocorrem nos principais centros do país solicitam sua presença no espaço público das ruas, das praças, dos acontecimentos da vida social, nos teatros, cafês, e exigem sua participação ativa no mundo do trabalho.

A invasão do cenário urbano pelas mulheres, no entanto, não traduz um abrandamento das exigências morais, como atesta a permanência de antigos tabus como o da virgindade. Ao contrário, quanto mais ela escapa da esfera privada da vida doméstica, tanto mais a sociedade burguesa lança sobre seus ombros o anátema do pecado, o sentimento de culpa diante do abandono do lar, dos filhos carentes, do marido extenuado pelas longas horas de trabalho. Todo um discurso moralista e filantrópico acena para ela, de vários pontos do social, com o perigo da prostituição e da perdição diante do menor deslize. Não é a mulher esta carne fraca, presa fácil das paixões, que sucumbe sem resistência ao olhar insistente ou aos galanteios envaidecedores do sedutor? Vários procedimentos estratégicos masculinos, acordos tácitos, segredos não confessados tentam impedir sua livre circulação nos espaços públicos ou a assimilação de práticas que o imaginário burguês situou nas fronteiras entre a liberdade e a interdição². (RAGO, 1985, p. 62-64, in GOELLNER, 1998, p. 54)

Além do impasse do conservadorismo, podemos citar também que as conquistas femininas do início do século XX, não abrangiam da mesma forma todas as mulheres. As moças oriundas de famílias abastadas, tinham acesso à educação e ao esporte, lutaram na linha de frente pelo voto e exigiram direito ao trabalho (quando as mulheres pobres já trabalhavam). As conquistas feministas não atingiam todas as mulheres em sua totalidade.

Mesmo com todos os obstáculos, o futebol acaba sendo praticado por muitas mulheres que não se contentando apenas em torcer, ocupam os gramados. Em alguns casos, essas mulheres organizam jogos beneficentes, ou abrem jogos masculinos. No ano de 1921 a cidade de São Paulo sedia a primeira partida oficial de futebol feminino, entre os times da Cantareira e de Tremembé.

Mas as entusiastas do esporte enfrentaram uma série de adversários poderosos. Enquanto dentro de campo não se tinha estrutura nem apoio para realizar treinos e jogos, fora de campo elas pareciam estar sempre jogando com uma a menos. A política e a justiça se uniram em sanções contra a modalidade cerceando a liberdade das jovens que tencionavam praticar o futebol e impondo barreiras que durante muito tempo pareciam intransponíveis.

Proibições legais: mulheres driblando o impedimento feminino às práticas desportivas

Conforme o futebol ganha o gosto popular a mídia vai cumprindo o papel de veicular o dia a dia dos clubes através dos programas de rádio, dos cadernos de esportes dos jornais e posteriormente da televisão, contando com notícias de toda sorte de times e campeonatos, incluindo amadores. Raras são as menções nos jornais à partidas femininas e quando o fazem, as minúsculas reportagens inserem artigos, pronomes e adjetivos masculinos como por exemplo jogadores do sexo feminino.



Caderno de esportes do Diário de Pernambuco (17 de janeiro de 1941)

Ao longo do século XX, os presidentes populistas usaram o futebol como propaganda política para alienação das massas, com a ideia de que se a seleção ia bem o país como um todo também ia. É nesse contexto que está situada a Copa de 70, onde o então presidente, o general Emílio Garrastazu Médici se utiliza da campanha da seleção brasileira masculina de futebol para uma promoção do governo, impulsionada pelo milagre econômico, durante a Ditadura Civil Militar (MAGALHÃES, 2010, p. 66).

Durante o Estado Novo Vargasista, mais especificamente na década de 40, após o processo de profissionalização do futebol, haverá a promulgação do decreto de lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 que cria o Conselho Nacional dos Desportos (CND) e regulamenta as atividades físicas. Este em seu artigo 54 dizia:

“O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o art, 180 da Constituição decreta:... Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país. (Legislação Informatizada – DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941 -Publicação Original).”

Três dias depois, o Diário de Pernambuco publica em seu caderno de esportes, a lei na íntegra e o parágrafo pontual, único que diz respeito às mulheres, se perde em meio a tantos outros artigos de esportes masculinos que tinham maior relevância social.

É interessante salientar, que embora a lei não especifique quais os desportos incompatíveis com a natureza feminina, a construção do ideal de mulher que a sociedade pregava era tão forte que prontamente se entendia de forma muito simples que futebol não era coisa de mulheres. O decreto de lei nº 3.199 fez desaparecer dos jornais as já raras notícias sobre o futebol feminino (RIBEIRO, 2018, p. 53).

O futebol feminino vai voltar às pautas dos jornais com algumas entusiastas que driblavam a lei para praticar o esporte que gostavam. Em seu artigo Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968), Raphael Rajão Ribeiro¹⁰ narra um caso particular que aconteceu na cidade de Vespasiano (Minas Gerais) no final da década de 60, onde professoras de uma escola se organizaram para arrecadar fundos a partir de partidas de futebol feminino. Partidas beneficentes, comuns durante os anos de proibição, eram um subterfúgio para que as mulheres continuassem a praticar o esporte proibido. No caso de Vespasiano, o CND foi acionado para encerrar a partida e as meninas tiveram que jogar com uma bola de vôlei, pois segundo o fiscal a bola de futebol era muito pesada para mulheres (RIBEIRO, 2018, p. 63 e 66).

Vinte e quatro anos após a promulgação do decreto de lei nº 3.199, em 1965, temos a deliberação nº 7 da CND que proibia expressamente a prática feminina de lutas, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e beisebol. E a perseguição às já raras práticas de futebol de mulheres se intensificam. O que não quer dizer que o futebol feminino tenha desaparecido por completo.

¹⁰ Graduado e Mestre em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Doutorando em História pelo CPDOC/ FGV. Escreve, entre outras coisas, sobre futebol, história do esporte, culturas urbanas e modernidade. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3754480/raphael-rajao-ribeiro> Acessado em 03 de dez. 2019

A deliberação nº 7 da CND será revogada em 1979 mediante outra deliberação (nº 10/79) que permitiu a criação de departamentos femininos de futebol e possibilitou a criação de ligas e campeonatos femininos. Depois de 38 anos, o futebol feminino saiu da ilegalidade e vai buscar correr atrás do tempo perdido.

Os desafios na era da legalidade

Muito embora vivamos um momento onde o futebol feminino não sofre mais as pressões da ilegalidade, sabemos que homens e mulheres não se encontram no mesmo patamar dentro das quatro linhas. A prática desportiva feminina segue marginalizada no país do futebol e as meninas que sonham em ser jogadoras ainda sofrem bastante preconceito.

Grandes foram os progressos na mentalidade de boa parte da sociedade quanto à identidade feminina:

Um importante papel exercido pelos movimentos de liberação contemporâneos – tais como o Movimento Feminista e o Movimento Negro, por exemplo – tem sido a desconstrução da identidade que foi, para estes grupos, construída pelo seu Outro “colonizador” (no caso das mulheres, pelos homens no patriarcado) e as tentativas de reconstrução de uma identidade, ou melhor, de identidades que melhor se adequem a seus modos de ser, a suas próprias narrativas (ROCHA-COUTINHO, 2004, p.3).

Porém tais progressos não foram por si sós suficientes para eliminar a desigualdade que engloba o esporte no nosso país. Se no universo do futebol masculino já existe um abismo, no que se refere às cotas de tv e patrocínios que separam economicamente os times mais tradicionais do país, no feminino a situação é ainda mais delicada.

Basta olhar alguns exemplos do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino para entender a situação. Primeiramente os ingressos, quando não gratuitos, são muito mais baratos que ingressos de jogos masculinos, e mesmo assim o público desses jogos é irrisório, o que ilustra o desinteresse do público pela modalidade. Outro fator interessante: muitos times tradicionais na esfera masculina têm seus times femininos fora da elite do futebol nacional, como é o caso do São Paulo, do Palmeiras e do Internacional. Já percebe-se que não há o mesmo investimento para a categoria feminina.

Ademais, pode ser citado o assombroso caso do Sport Club do Recife que em fevereiro de 2019 anunciou o fechamento do departamento feminino de futebol,

descumprindo o regulamento da competição mesmo depois de uma boa campanha no Campeonato Brasileiro de 2018, do título da Taça Nordeste e do bicampeonato pernambucano. As atletas foram dispensadas sem nenhum aviso prévio e muitas não tinham sequer para onde ir. Notificado pela CBF de que poderia ser punido com dois anos de suspensão de qualquer outra competição organizada pela federação, já que a mesma obrigou os times da série A a terem um elenco feminino participando de ao menos uma competição oficial, montou às pressas um time improvisado que foi vexame no campeonato nacional de 2019 após 14 derrotas em 15 jogos, sendo o lanterna da competição com apenas 3 pontos (CASTRO, 2019, p. 1).

Outro fator delicado são os chamados placares elásticos¹¹. Até o ano de 2018 a maior goleada registrada no Brasil tinha sido o 34 x 0 do time do Vitória (PE) sobre o time da Polícia Militar (PE), neste caso a PM-PE decidiu fazer um jogo comemorativo para celebrar o aniversário da instituição e convocou mulheres de sua corporação para jogar, muitas delas sem nenhuma intimidade com o esporte, contra um time profissional que não teve dificuldades para ganhar a partida. No ano de 2019, há um caso ainda mais assustador o time feminino do Flamengo derrotou o time do Greminho por nada menos que 56 x 0, em uma partida válida pela terceira rodada do Campeonato Carioca, com média de 1 gol a cada 1min36seg (ZIRPOLI, 2019, p.1). Não há motivo para comemorar. Tais placares são a ilustração mais simples e triste da má administração que resulta na desigualdade gritante presente no âmbito feminino do futebol brasileiro.

Uma das críticas feitas ao futebol feminino é que ele não seria atrativo o suficiente para cativar o público por não ser adaptado às mulheres¹². As medidas do campo, das traves e do tempo são iguais às da modalidade masculina, o que acarreta num ritmo de jogo mais lento e pode atrapalhar jogadoras de menor estatura (no caso das traves). Esse debate envolve pesquisadores, jogadoras, técnicos, profissionais de educação física e médicos com a proposta da redução das medidas e esta é apoiada por muitas pessoas, como é o caso da técnica do Chelsea Emma Hayes (2019, p. 1), que entendem que as diferenças biológicas devem ser levadas em consideração para adaptar um esporte.

¹¹ Placar com uma diferença grande; goleada

¹² Alguns esportes possuem adaptações nas regras para as atletas femininas. No caso do vôlei a rede é mais baixa, nas provas de atletismo que as distâncias são mais curtas, no basquete a bola é mais leve e no tênis há menos sets.

Tal discussão não contempla situações onde a desigualdade dentro do futebol feminino é maior. É inconcebível que país onde já não há estrutura para a prática feminina do esporte consiga arrumar novos campos onde as mulheres possam treinar e jogar, visto que mesmo com a atual quantidade de campos os times já seguem sem espaço para executar seu trabalho. Tal medida prejudicaria o desenvolvimento das atividades porque estas não teriam onde ocorrer.

O #GoEqual e a importância da Copa do Mundo da França 2019

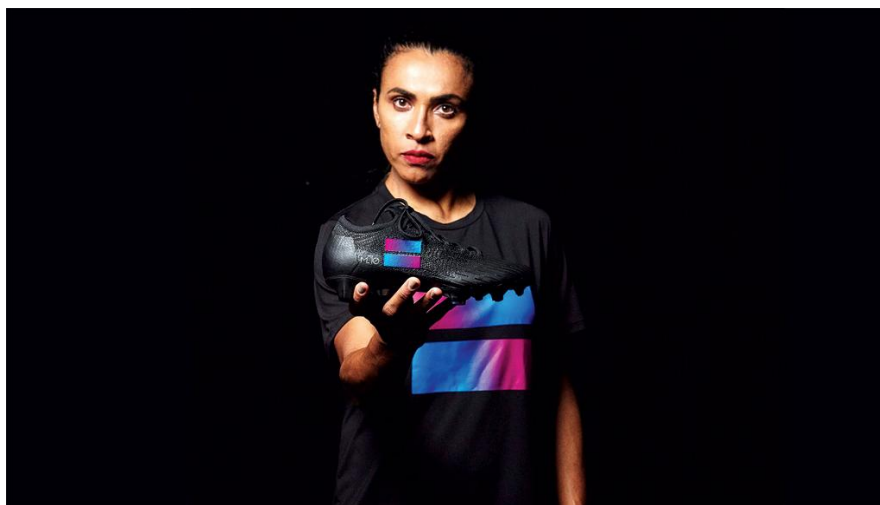
Entre os meses de Junho e Julho de 2019, a França sediou a oitava edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino. O campeonato contou com a presença de 24 delegações femininas, confederadas pela UEFA, AFC, CAF, CONCACAF, CONMEBOL e OFC¹³ e representou um marco da imprensa do nosso país ao ser a primeira copa feminina transmitida pela nossa maior emissora de tv aberta, a Rede Globo de Televisão.

Apesar da campanha não satisfatória do Brasil, que estancou nas oitavas de final, o evento contou com o apoio de milhares de mulheres que encheram bares e restaurantes para assistir aos jogos e se mobilizaram nas redes sociais num fenômeno nunca antes visto de apoio real ao futebol feminino. Em contraponto, muitos comentários negativos encheram as redes sociais no intuito de desqualificar a seleção e o futebol feminino como um todo, mostrando que ainda temos um longo caminho a percorrer até alcançar um patamar de igualdade entre homens e mulheres no âmbito desportivo.

Nossa capitã, a alagoana Marta Vieira da Silva saiu do Nordeste para tentar a carreira no futebol feminino e logrou êxito, na Copa da França ela encabeçou as ações do projeto *Go Equal*. As redes sociais foram tomadas pela *hashtag* #GoEqual onde milhares de mulheres mostraram suas iniciativas de valorização do futebol feminino utilizando seus braços para formar um sinal de igual. Marta entrou em campo com uma chuteira preta com a logo do projeto e sem patrocínio esportivo, pois não recebeu nenhuma proposta condizente com seu talento. É importante enfatizar que nesta competição Marta, a maior artilheira da seleção com 118 gols, superando nomes como Pelé, Ronaldo e Romário, se tornou também a primeira

¹³ Respectivamente: União das Associações Europeias de Futebol; Confederação Asiática de Futebol; Confederação Africana de Futebol; Confederação de Futebol da América do Norte, Central e Caribe; Confederação Sul-americana de Futebol e Confederação de Futebol da Oceania. Disponível em: "FIFA - Associations and Confederations - FIFA.com." <https://www.fifa.com/associations/>. Acessado em 13 nov.. 2019.

atleta a participar de cinco edições da Copa do Mundo e maior artilheira das copas do mundo com 17 gols, superando o alemão Miroslav Klose que tem 16.



Marta no protesto por patrocínios iguais para homens e mulheres (Divulgação Go Equal)

A Copa ainda serviu para trazer ao mundo os diferentes modos de torcer de cada país e suas maneiras de tratar a emergente modalidade, como é o caso da torcida da Holanda que tornou as ruas de várias cidades francesas verdadeiros mares laranjas de apoio às mulheres, ou o caso da Islândia que se tornou o primeiro país do mundo a tornar ilegal o pagamento de salários inferiores para mulheres. Ainda nesse ano de 2019 a seleção masculina da Alemanha publicou uma nota informando que não jogaria mais em países onde mulheres são discriminadas.

Esses modos distintos de tratar o futebol, trouxeram a tona debates sobre as disparidades presentes dentro do futebol feminino, já que na mesma competição o investimento feito pelos Estados Unidos, que sagrou-se campeão do torneio com o maior saldo de gols claramente não é o mesmo da Tailândia, equipe com a pior defesa do campeonato, que foi goleada pela seleção campeã por 13 x 0. Isso mostra que ainda temos muito a fazer pela equidade no futebol feminino.

Por outro lado, a Copa do Mundo da França ilustrou a importância da representação e serviu para inspirar meninas a praticarem o futebol. No Brasil, após o torneio as escolinhas de futebol registraram aumento na procura por treinos femininos, o que enche o cenário futuro de esperança.

Escrevendo a História do futebol feminino do Brasil em 2019

Em 2019 completam-se 40 anos da legalidade do futebol feminino para a justiça, pouco mais do que os anos de proibição. Essas quatro décadas de impedimento ainda refletem em tudo que diz respeito à prática feminina do esporte e à escrita da História do futebol feminino no Brasil.

Poucos são os acervos que disponibilizam material sobre futebol feminino no Brasil, muito em parte pelo simples descaso com que este era tratado no passado. Os times além de não preservarem adequadamente suas memórias, eram majoritariamente masculinos, sendo assim não havia o que se guardar sobre futebol de mulheres. Pesquisas em jornais são igualmente frustrantes, a quantidade de manchetes sobre futebol masculino superam largamente as de futebol feminino e quando ocorre uma reportagem, charge ou tirinha é perceptível a desigualdade do tratamento chegando a haver hipersexualização da mulher em tudo que se dizia respeito ao futebol. O pouco de informações que se tem deve-se aos museus especializados em futebol, a exemplo do Museu do Futebol que se localiza nas dependências do estádio do Pacaembu em São Paulo, e a pesquisadores em sua maioria historiadores, sociólogos ou profissionais de educação física. Estes desempenham um papel crucial para a construção da História do futebol feminino no Brasil.

Aira Bonfim¹⁴ apresenta um relato de experiência no *Ebook* *Elas e o Futebol* sobre as dificuldades encontradas na elaboração da exposição *Visibilidade Para o Futebol Feminino* que ocorreu no ano de 2015 no Museu do Futebol a partir da intervenção do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB). O artigo mostra na prática a escassez de fontes históricas produzidas por e sobre mulheres e a luta da equipe do CRFB para criar no museu o que hoje é o maior acervo público e digital sobre a participação das mulheres no futebol (BONFIM, 2019, p. 172)

O fato é que a mulher não era vista como um sujeito histórico na História do futebol brasileiro (FRANZINI, 2005, p. 317). A História oficial é de narrativa masculina, por isso,

¹⁴Mestranda em História, Política e Bens Culturais pela FGV-RJ em 2017. Especialista em Estudos Brasileiros pela FESPSP e Linguagens das Artes pelo Centro Universitário Maria Antônia - USP, concluídos respectivamente em 2016 e 2011. Bacharel e licenciada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Campinas (2007). Fez parte da equipe de bolsistas CNPq do Projeto de Implantação do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB) em 2011 no Museu do Futebol, local onde atuou de 07/2012 a 10/2018 como Técnica Pesquisadora. Tem experiência técnica e acadêmica nas áreas das Artes Visuais, Arte Educação, Museologia, História e Futebol. Têm pesquisas sobre futebol amador, futebol feminino e preservação de acervos. Disponível em: <https://www.escavador.com/sobre/3099675/aira-fernandes-bonfim> Acessado em 03 de dez. de 2019.

Michelle Perrot traz as mulheres como as excluídas da História que em seus silêncios as tira também a voz (PERROT, 2003, p.13). Como é difícil encontrar fontes que tratem de futebol feminino, torna-se um grande desafio escrever sobre ele. Para driblar tais dificuldades a História oral é a saída.

Nesse contexto ressalta-se a importância da memória para a construção historiográfica:

“Analítica, criadora de um novo discurso, incorporadora de antigos discursos, artística e científica, a Historiografia moderna vale-se da Memória Coletiva e das Memórias Individuais como um dos seus recursos disponíveis para a produção do conhecimento historiográfico (BARROS, 2009, p. 37).

Desse modo, a historiografia do futebol feminino deve se valer das narrativas memoriais daquelas que viveram as duras penas de se praticar um esporte proibido e de quem mais respirava os ares do futebol. Ribeiro (2018 p. 67), vai afirmar que é necessário garimpar as histórias contadas pelas mulheres de modo a se reconstruir essa trajetória. Analisa-se o discurso, tornando a mulher sujeito histórico, dando voz a quem por tanto tempo permaneceu em silêncio.

Considerações Finais

O futebol tem se mostrado mais que um simples esporte, quando por intermédio dele se encara os campos tradicionais da sociedade e se dribla as marcações que por anos impediram um jogo limpo e livre para todas as pessoas que o desejassem praticar. É por meio dele que muitas mulheres outrora silenciadas, encontram espaço para serem quem são e mediante a profissionalização ganharem seu sustento, lutando diariamente contra preconceitos que de fato mostraram redução, se analisarmos o início do século XX e compararmos com o cenário de 2019, mas ainda se fazem presente limitando a participação de tantas outras.

As lacunas que a História do futebol feminino possui, de acordo com este texto, são limitantes e suprimem a historiografia do objeto, desafiando o historiador a um jogo por vezes desleal, onde as informações precisam ser garimpadas nos discursos memoriais de quem viveu e sentiu na pele os efeitos dos anos de proibição.

A ausência dos fatos influencia diretamente na construção de acervos e bibliografia sobre o tema. O que restringe as opções de fontes do historiador, mas estimula a interdisciplinaridade, fazendo com que a História trabalhe com outros ramos científicos, a

exemplo da Sociologia, da Medicina e da própria Educação Física. Isso traz ao pesquisador diferentes leituras e possibilita novas visões sobre a temática, saindo de uma possível linearidade e mergulhando em águas desconhecidas em busca do tesouro oculto.

A História do futebol feminino tal qual a história dessas mulheres praticantes do futebol, ainda segue necessitando ser contada e porque não recontada? Eventualmente a pesquisa traz questões que vão da habitual narrativa da proibição. Quais times surgiram da resistência à ilegalidade? Quem eram as mulheres que praticavam o futebol entre 1941 e 1979, quando não se podia fazer isso? O que o futebol representa para as primeiras árbitras e jogadoras profissionais? Qual o impacto do futebol feminino na vida das meninas em idade escolar? As escolas estão prontas para recebê-las e apoiá-las? Quais as dificuldades de se montar um time feminino em 2019? Essas e tantas outras perguntas ainda carecem de resoluções que não cabem neste artigo, mas podem ser respondidas em trabalhos futuros.

Referências

- BARROS, José D'Assunção: História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. In: *Mouseion*, v. 3, 2009, p. 35-67
- BRASIL. Decreto de lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil]. Brasília, DF - Seção 1 de 16/04/1941, p. 000.
- BRASIL. Decreto de Lei nº lei n 3.071 de 1º de janeiro de 1916, Código Civil dos Estados Unidos do Brasil. Diário Oficial da União [da República Federativa do Brasil] - Seção 1 de 05/01/1916, p. 133.
- BONFIM, Aira. Visibilidade ao invisível? A formação de acervos públicos sobre o futebol de mulheres no Brasil. In: LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya (Org.). *Elas e o futebol [recurso eletrônico]*. João Pessoa : Editora Xerocal, 2019, p. 163-174
- CAPPELLANO, Renata. O torcedor de futebol e a imprensa especializada. Juiz de Fora UFJF, 1999, p. 28 – 29
- CASSANO, Laura. Com a Copa do Mundo, aumenta a procura por treinos de futebol feminino em São Paulo. G1. São Paulo, 2 jul. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/07/02/com-a-copa-do-mundo-aumenta-a-procura-por-treinos-de-futebol-feminino-em-sao-paulo.ghtml>. Acesso em 08/11/19.
- CASTRO, Elton de. Na tabela, Sport decide não jogar Brasileirão Feminino e corre risco de punição. Globo Esporte Pernambuco. Recife, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/pe/futebol/times/sport/noticia/presente-na-tabela-sport-decide-nao-jogar-brasileirao-feminino-e-corre-risco-de-punicao.ghtml>. Acesso em 11/11/2019.
- DAMATTA, Roberto: Antropologia do óbvio. Notas em torno do significado social do futebol brasileiro. *Revista USP—Dossiê Futebol*, 1994, p. 10-17.
- ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres. In: *Fazendo gênero 9 - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*. Florianópolis, 2010, p. 1-11
- ELIAS, Norbert; DUNING, Eric. A busca da excitação. Lisboa: Editora Difel, (edição original: 1985). 1992.
- ESCHER, Thiago; REIS, Heloisa. A relação entre futebol e sociedade: Uma análise histórico social a partir da teoria do processo civilizador. In: IX Congresso Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, 2005, p. 1-8.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade, 3: O Cuidado de Si. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Trad. Lígia M. Ponde Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRANZINI, Fábio: Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Rev. Bras. Hist.* vol.25, 2005, p. 315-328.

FREYRE, Gilberto de Mello. Foot-ball mulato. Diário de Pernambuco. Diários Associados. Recife, 17 jun. 1938.

GIDDENS, Anthony. Foucault e a sexualidade. In: GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade. Amor e erotismo nas sociedades modernas.* Tradução de Magda Lopes. - São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. 27-46..

GOELLNER, Silvana Vilodre: Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidade. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte.* São Paulo, V.19, nº.02, 2005, p.143-151.

GOELLNER, Silvana Vilodre: As atividades corporais e espor-tivas e a visibilidade das mulheres na sociedade brasileira do início deste século. *Revista Movimento.* Porto Alegre, Ano V, nº. 9 - 1998, p. 47-57.

HAYES, Emma. It's not sexist to call for smaller pitches and goals for women. The Times, Londres, 13 jun. 2019. Disponível em: <https://www.thetimes.co.uk/article/shrinking-goals-and-pitches-could-improve-women-s-game-dr022ptrx>. Acesso em 11/11/2019.

LUZ, Adriana de Carvalho. *Mulheres e doutores: discursos sobre o corpo feminino.* Salvador 1890- 1930. Salvador, Dissertação (Mestrado), Universidade Federal da Bahia, 1996.

MAGALHÃES, Livia Gonçalves. Histórias do futebol. São Paulo: Arquivo Público do Estado, 2010.

MARTINS, Gabryele; OLIVEIRA, Marjourie. Pelada Feminina do Twitter: Prática informal do futebol como forma de incentivo à participação feminina no esporte. In: LIMA, Cecília; BRAINER, Larissa; JANUÁRIO, Soraya (Org.). *Elas e o futebol [recurso eletrônico]*. João Pessoa : Editora Xeroca!, 2019, p. 205-216.

MENEZES, Jeannie da Silva. Sem embargo de ser fêmea - As mulheres e um estatuto jurídico em movimento no ‘direito local’ de Pernambuco no século XVIII -. Recife, Tese (Doutorado), Universidade Federal de Pernambuco, 2010.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos; SOIHET, Rachel (Org.). *O corpo feminino em debate.* São Paulo: Editora Unesp, 2003, p. 13-28.

RIBEIRO, Raphael Rajão: Futebol de mulheres em tempos de proibição: o caso das partidas Vespasiano x Oficina (1968). In: *Revista Mosaico.* Rio de Janeiro. V. 9, nº 14, p.49- 67, 2018.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia: Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. In: *Periódicos Eletrônicos em Psicologia,* v.12, 2004, p. 2-17.

ZIRPOLI, Cassio. 56 x 0 | Feminino do Flamengo supera marca pernambucana de maior goleada do país. 2019. Disponível em:

<http://cassiozirpoli.com.br/56-x-0-feminino-do-flamengo-supera-marca-pernambucana-de-maior-goleada-do-pais/>. Acesso em: 11/11/2019.